

Desejos e expectativas das crianças sobre a cidade

Children's wishes and expectations about the city

Ariadne de Sousa Evangelista
Fátima Aparecida Dias Gomes Marin
Universidade do Estadual Paulista (UNESP)
Presidente Prudente – SP - Brasil

Resumo

O foco central desse texto é a infância e a cidade. Buscou-se ouvir os desejos e as expectativas das crianças em relação à cidade de Presidente Prudente, interior do estado de São Paulo. Para tanto, os fundamentos teóricos se baseiam na Sociologia da Infância e na Geografia da Infância. A investigação é qualitativa e se enquadra nas características de um estudo de caso. Os participantes da pesquisa foram dez crianças, entre nove e onze anos, matriculados em uma escola pública da área central da cidade. O instrumento metodológico foi o Poema dos desejos em que a criança elabora um desenho sobre uma sentença relacionada ao ambiente estudado, neste caso “Eu gostaria que a minha cidade fosse...”. As falas das crianças foram consideradas durante toda a pesquisa de campo. As crianças revelaram que desejam mais espaços de lazer, de consumo, escolas e hospitais e se preocupam com a segurança e o meio ambiente. Defende-se a necessidade de ouvir as crianças, não apenas nas pesquisas científicas, e de assegurar um espaço de participação para elas no planejamento urbano.

Palavras-chave: Crianças; Cidade; Pesquisa com crianças.

Abstract

The central focus of this text is childhood and the city. It was sought to hear the children's wishes and expectations regarding the city of Presidente Prudente, in the interior of the state of São Paulo. For this purpose, the theoretical foundations are based on Childhood Sociology and Childhood Geography. The investigation is qualitative and fits in the characteristics of a case study. The research participants were ten children, between nine and eleven years old, from a public school in the central area of the city. The methodological instrument was the Poem of desires in which the child draws a picture of a sentence related to the studied environment, in this case "I would like my city to be ...". The children's speeches were considered during the entire field research. The children revealed that they want more spaces for leisure, consumption, schools and hospitals and are concerned with safety and the environment. The need to listen to the children is defended, not only in scientific research, and to ensure a space of participation for them in urban planning.

Keywords: Child; City; Research with children.

1. Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados da tese de doutorado denominada [ocultado para avaliação] vinculada ao Programa de Pós-Graduação, em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Presidente Prudente (SP).

O objetivo deste recorte do trabalho foi investigar quais os desejos e as expectativas das crianças com relação à cidade. Entendemos que as crianças são capazes de identificar elementos da cidade que contribuem para o seu bem-estar e da comunidade.

O trabalho está fundamentado nos estudos da Geografia (CARLOS, 2007), da Sociologia da Infância (CORSARO, 2009; SARMENTO, 2004, 2007) e da Geografia da Infância (LOPES E VASCONCELLOS, 2006; LOPES, 2008).

De acordo com Carlos (2007, p. 20), “[...] a cidade aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza.” A autora assevera que “[...] a cidade pode ser entendida dialeticamente, enquanto produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais”. (CARLOS, 2007, p. 21). Para Dias (2015, p.118)

A cidade contemporânea consolida-se como um espaço no qual emerge a diversidade, com sua multiplicidade de imagens, cores, sons, linguagens e informações. Nela, indivíduos se inter-relacionam com outros sujeitos sociais numa rede em que coexistem contextos e espaços múltiplos e diversificados que contribuem para a formação das identidades sociais e pessoais. Nesse processo dinâmico, o indivíduo modifica suas trajetórias, tece suas redes e se articula no espaço fenomenológico e existencial do ambiente urbano, atribuindo-lhe sentidos por meio de seus encontros, experiências e vivências.

Entendemos, fundamentadas na Sociologia da Infância (SARMENTO, SOARES E TOMÁS, 2004; SARMENTO, 2018), que a cidade é um direito de todos os cidadãos, inclusive das crianças. Nesta perspectiva compreendemos a infância como uma construção social, a criança como um ser ativo, completo, capaz e produtor de cultura e defendemos a pluralidade da infância.

As crianças, a partir das suas vivências na cidade, apresentam condições de expressar os seus desejos. O nosso estudo busca identificar o que a criança pensa sobre a cidade o que requer a escolha cuidadosa de metodologias para captar as suas concepções. Para Tomás (2014, p.140),

A consideração de que as crianças têm formas próprias de interpretar o mundo, de agir e de pensar e de sentir e que são capazes de discursar acerca de sua ação e de a representar de diferentes formas, apresenta-se como algo de inovador e radicalmente diferente sobre a forma de olhar para as crianças. Talvez possamos mesmo afirmar que estes pressupostos configuram uma ruptura epistemológica face à forma de olhar as crianças, ou seja, a consideração que as crianças devem e podem ser estudadas por si.

Lopes (2008) advoga que houve avanços em relação à concepção da infância na pesquisa científica, porém no que tange as relações entre as crianças e os espaços ainda é preciso avançar.

Nos últimos anos um novo olhar sobre as crianças e suas infâncias tem sido sistematizado em diversas áreas do conhecimento. Os estudos da Sociologia da Infância, da Antropologia da Infância, Psicologia do Desenvolvimento, entre outras, tem contribuído para a emergência de um novo paradigma, novos ângulos de se perceber e compreender a criança e suas ações frente ao mundo que se inserem, mas uma de suas facetas tem sido constantemente negada: as interações entre as crianças e seus espaços. (LOPES, 2008, p. 33)

Os achados desta pesquisa consistem em informações relevantes para os profissionais da educação e do ensino. Entendemos que discutir o conteúdo cidade requer identificar e considerar os conhecimentos prévios das crianças sobre o tema e principalmente as suas vivências, os seus interesses e as suas demandas para a cidade.

A educação e o ensino voltados à formação do cidadão crítico têm um papel importante no sentido de contribuir para que as crianças possam refletir sobre como é a cidade e como gostariam que ela fosse, bem como identificar possibilidades de atuação em prol da transformação da cidade em um lugar melhor para todos.

2. Os participantes e os caminhos da pesquisa

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, um estudo de caso em que investigamos quais os desejos das crianças com relação à cidade. Foi aprovada pelo Comitê de Ética, em 21 de setembro de 2018, sob o número do Parecer 2.909.291 (CAAE: 97633218.3.0000.5402).

O município em que se realizou a pesquisa de campo foi fundado em 1917. A população estimada para o ano de 2018, segundo o site do IBGE, foi de 227.072 habitantes. Neste sentido, é a primeira das trinta cidades que compõem sua microrregião. Conforme o IBGE (2010), o município possuía 207.610 habitantes, sendo 40.833 com até catorze anos de idade.

O índice de desenvolvimento humano, em 2010, era de 0,806, ou seja, o IDH está perto do limite entre o médio e o alto, segundo o IPEA, índices até 0,49 são baixos, de 0,50 a 0,79 são médios e acima até 1 são altos.

Desejos e expectativas das crianças sobre a cidade

Vale lembrar que este índice considera saúde, educação, economia, busca constatar o bem-estar das pessoas, principalmente das crianças. Em relação a economia a população que tem trabalho formal recebe em média dois salários mínimos e meio.

Sobre o saneamento básico, noventa e oito por cento (98%) da cidade recebe tratamento adequado de esgoto. A arborização das vias públicas também tem uma alta porcentagem, atingindo noventa e cinco por cento (95%). Porém, em relação à urbanização adequada das vias públicas, ou seja, a presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio, considera-se mais da metade da cidade inadequada, atingindo apenas trinta e quatro por cento (34%) de adequação, conforme os critérios do IBGE (2010).

No que se refere as habitações o site do IBGE (2010) aponta que existem no município a presença de favelas, mocambos, palafitas ou assemelhados e loteamentos irregulares, porém não existem cortiços, casas de cômodos ou cabeças de porcos, nem ocupações de terrenos e prédios por movimentos de moradias.

A Secretaria de Educação Municipal é responsável por sessenta e seis escolas, que atuam nas diferentes modalidades: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Educação Integral, Atendimento Educacional Especializado e Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo que nove delas tem gestão compartilhada com Instituições filantrópicas.

Em relação a saúde, segundo o site da prefeitura municipal, existem cinquenta e quatro unidades de saúde, entre elas: onze Unidades Básicas de saúde (UBS), duas Unidades de Pronto Atendimento (UPA), dois Pronto Atendimento, quatro CAPS, vinte e quatro equipes de Estratégia de saúde da família (ESF). Há ainda, centro de fisioterapia, centro de especialidades odontológicas, centro de zoonoses, vigilância sanitária, vigilância epidemiologia, rede de atenção psicossocial, serviço de resgate, dispensação de medicamentos. Também há um Hospital Regional (HR) e um Hospital Estadual.

O bairro onde se localiza a escola se refere a uma área central da cidade e se destaca por apresentar vários tipos de serviços, clínicas, bancos, comércios, prédios públicos. Além das crianças moradoras do bairro, a escola atende crianças vindas de diversos bairros do município, cujos pais ou responsáveis trabalham no centro da cidade. O bairro conta com apenas essa escola e com uma Unidade Básica de Saúde, contudo há outros prédios públicos como cartório eleitoral, a Secretaria da Fazenda de São Paulo e Companhia Prudentina de Desenvolvimento (PRUDENCO)¹.

Segundo o Plano Diretor (2016-2019), a escola passou a funcionar no prédio em 1958, na época com apenas doze salas, sua mantenedora inicial era a Rede Estadual de ensino. A escola foi municipalizada em 2008. Segundo o Plano-diretor (2016-2019) foi constatada a satisfação por parte das famílias com o ensino oferecido pela escola, através das entrevistas e atendimentos realizados. A escola é prestigiada pela comunidade, por sua tradição no ensino, muitos de seus familiares estudaram nela, na infância.

Apresentamos os resultados da investigação com dez crianças que tinham de nove e onze anos de idade e frequentavam o quarto ou quinto ano do ensino fundamental I. A renda familiar era de três a cinco salários mínimos.

Em relação a composição familiar: seis crianças moravam com os pais e os irmãos, uma morava apenas com os pais, uma morava com o pai/irmão/avó, uma morava com o pai e os avós e uma morava com os pais/irmão/avós. Na questão da religião familiar, predominava o cristianismo, sendo que eram oito alunos católicos e dois evangélicos.

Em relação a proximidade da moradia-escola, apenas uma criança morava no bairro, quatro moravam em bairros adjacentes e cinco moravam em bairros afastados. Sendo assim, o deslocamento das crianças até a escola era feito de: van escolar (3), carro (2), carro/ônibus (2), a pé (1) e carro/a pé (1).

Para Delgado e Muller (2005), as principais dificuldades na realização de pesquisas com crianças são consequência da lógica adultocêntrica, haja vista que o pesquisador jamais pensará como uma criança, assim precisa ser sensível para compreender uma cultura tão diferente da sua.

Farias e Muller (2017) investigaram ética na pesquisa com crianças e encontraram quatro pontos em comum: consentimento, privacidade e sigilo, método e metodologias adequadas e divulgação dos resultados da pesquisa.

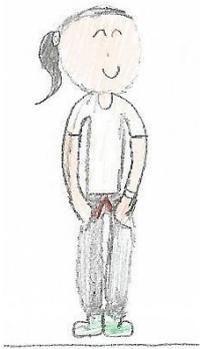
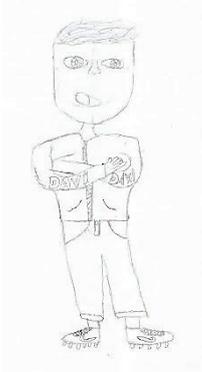
As autoras defendem que com relação às crianças “[...] é necessário que consentam e não somente concordem com a sua participação”. (FARIAS; MULLER, 2017, p. 654). A criança precisa compreender sua participação e ter liberdade e tempo para escolher.

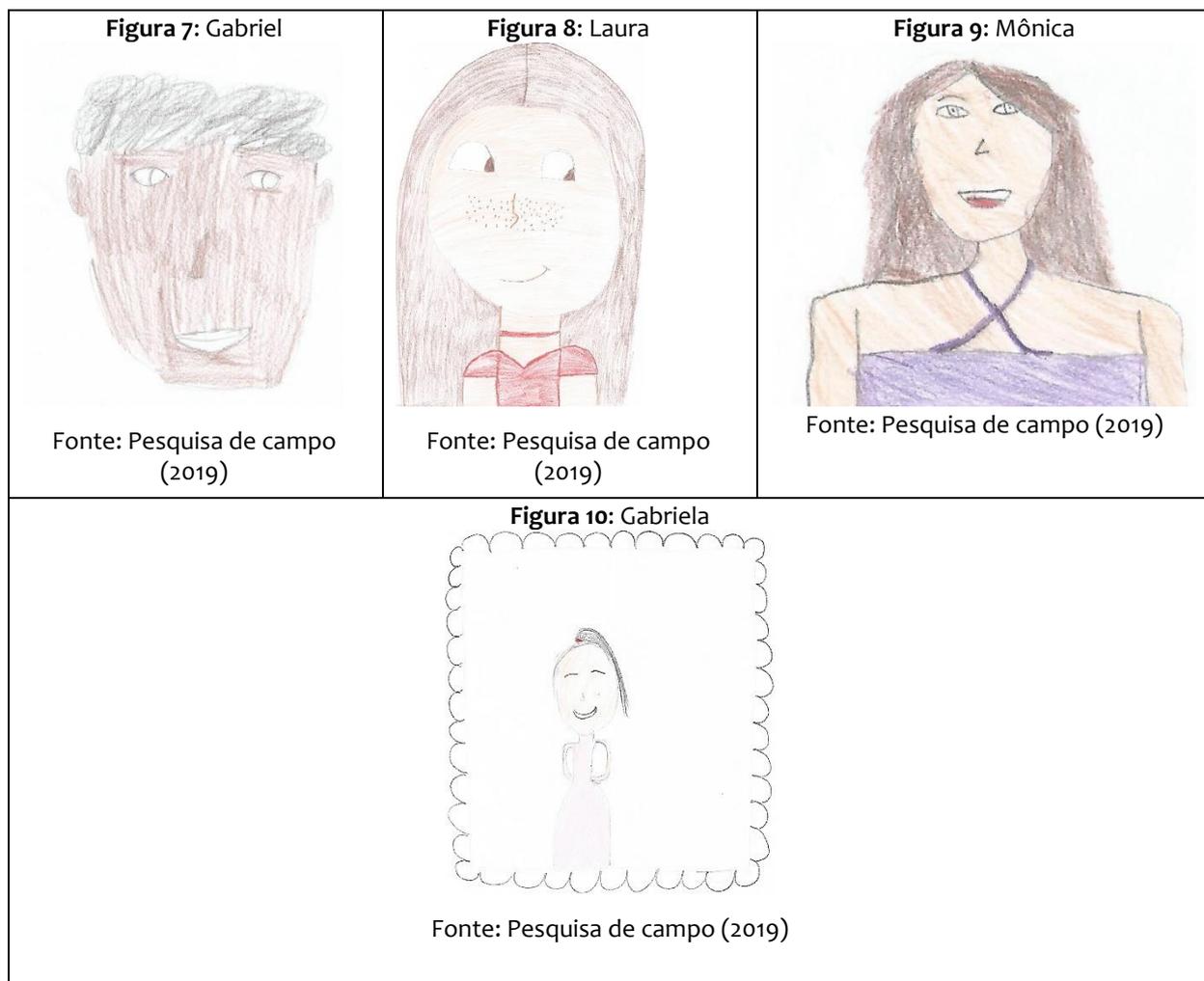
Carvalho e Muller (2010) apontam que o primeiro passo na entrada no campo é a apresentação às crianças e a realização de esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa. A apresentação no campo da investigação foi feita individualmente e aconteceu num espaço da escola. Foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e os instrumentos que seriam aplicados. Pedimos autorização para participação para as crianças e para os responsáveis.

Desejos e expectativas das crianças sobre a cidade

Farias e Muller (2017, p. 656) avaliam que “[...] jamais o estudo realizado sobre e com crianças deve ferir sua privacidade e revelar informações íntimas e detalhes de sua vida sem a permissão do participante.” Compartilhamos do posicionamento da autora, renomeamos a escola de acordo com a sua localização na cidade. Permitimos que as crianças escolhessem nomes fictícios que foram registrados e utilizados durante a apresentação dos dados, este é um dos modelos, apresentados por Kramer (2002), que julgamos mais adequado a investigação. Solicitamos também que as crianças se apresentassem a partir de seus autorretratos, tendo como modelo Muller (2007), como podem ser observados no quadro a seguir.

Quadro 1: As crianças por elas mesmas

<p>Figura 1: Luana</p>  <p>Fonte: Pesquisa de campo (2019)</p>	<p>Figura 2: Kevin</p>  <p>Fonte: Pesquisa de campo (2019)</p>	<p>Figura 3: Iago</p>  <p>Fonte: Pesquisa de campo (2019)</p>
<p>Figura 4: Peter Parker</p>  <p>Fonte: Pesquisa de campo (2019)</p>	<p>Figura 5: Mariana</p>  <p>Fonte: Pesquisa de campo (2019)</p>	<p>Figura 6: Rafael</p>  <p>Fonte: Pesquisa de campo (2019)</p>



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Neste recorte, apresentamos os dados que obtivemos ao solicitar que as crianças fizessem um desenho sobre a seguinte frase: “Eu gostaria que a minha cidade fosse...” Esse instrumento possibilitou acessar como as crianças representavam a cidade e alguns dos seus desejos e expectativas sobre como gostariam que ela fosse. Solicitamos que as crianças falassem, gravamos e só depois pedimos que desenhassem. Entregamos uma folha A4, com a sentença impressa, e disponibilizamos uma caixa com doze lápis coloridos, um lápis de escrever, uma borracha e um apontador. Informamos sobre o tempo e o que deveria ser feito. Também anotamos algumas falas nos momentos em que realizaram os desenhos. As falas sobre os desenhos foram significativas para a compreensão das opiniões das crianças.

Esse instrumento que utilizamos para coleta dos dados é denominado “Poema dos desejos”. O Poema dos desejos ou *Wish Poem* é um instrumento da área da Arquitetura e Urbanismo que utilizamos para a área da Educação. A análise dos dados permite a identificação do imaginário coletivo, do ideal de ambiente para seus usuários (RHEINGANTZ

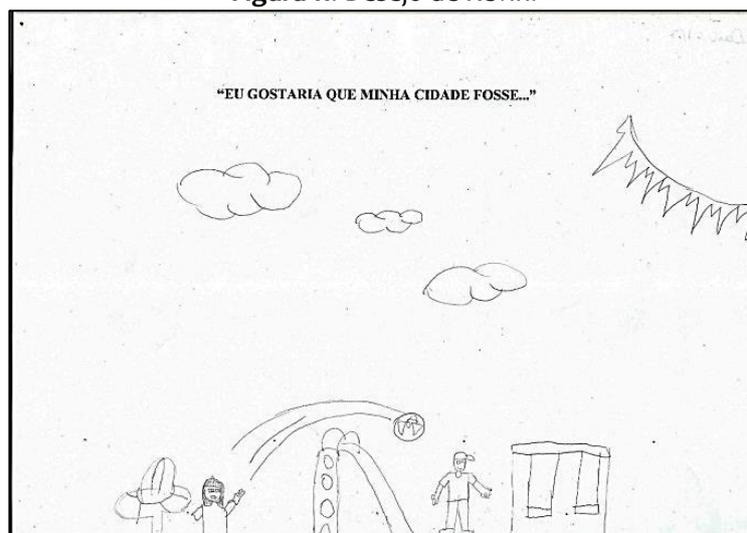
et. al., 2009). Para Rheingantz et. al. (2009, p. 43), “[...] os resultados são ricos e representativos das demandas e expectativas atuais e futuras dos usuários”.

Farias e Muller (2017) afirmam a necessidade de se divulgar os resultados da pesquisa, ampliando a visibilidade do potencial infantil. Esse compromisso nos levou a tecer esse artigo, cientes que os resultados obtidos não são passíveis de generalização.

4. Como as crianças gostariam que a cidade fosse...

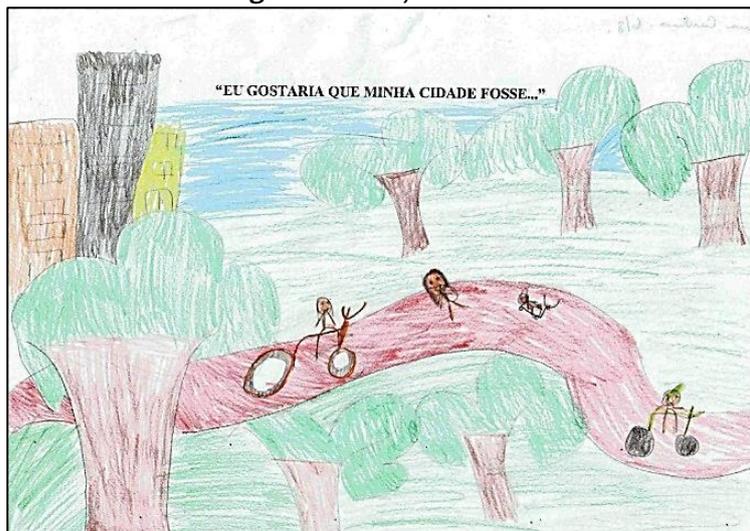
Os desejos e as expectativas das crianças foram relacionados ao lazer, à saúde, à educação, à segurança, ao cuidado com o meio ambiente e ao consumo. O acesso à saúde, à educação, ao lazer, à segurança e à limpeza pública é direito de todos os cidadãos brasileiros. Entendemos que para essas crianças esses direitos não eram garantidos de maneira satisfatória, pois consistiam em objetos de desejo ao relatarem como gostariam que a cidade fosse.

Figura 11: Desejo de Kevin.



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

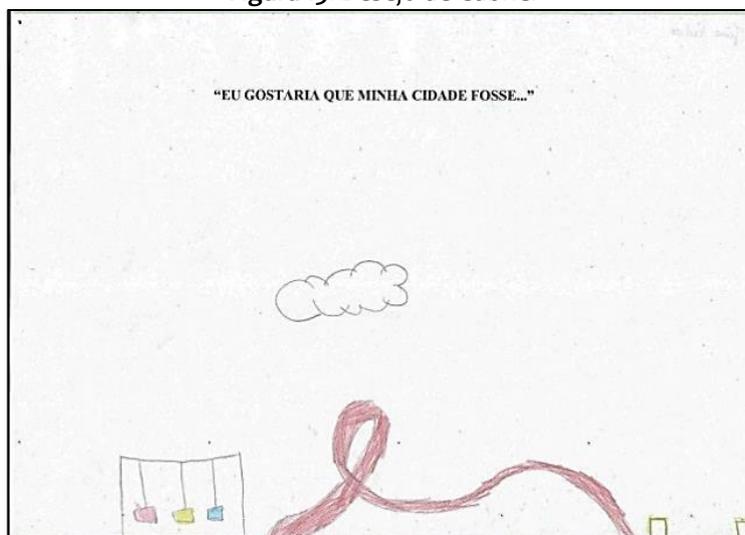
O espaço de lazer foi o quesito mais mencionado pelas crianças ao expressarem os seus desejos, 70% delas gostariam que a cidade tivesse elementos relacionados ao lazer. Foram citados espaços, construções, equipamentos e elementos naturais relacionados ao lazer. Algumas crianças desejavam mais construções destinadas ao lazer, outras mais áreas ao ar livre para brincar o que indica as suas idiossincrasias.

Figura 12: Desejo de Laura.

Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Cumpramos ressaltar que 30% das crianças desenharam situações de ludicidade e de interatividade que são eixos da cultura da infância, apontados por Sarmiento (2004). Elas representaram locais de brincar, brinquedos/equipamentos de parques (escorregadores, balanços, bola, bicicleta) e situações de pessoas interagindo. Kevin narrou que desejava uma cidade “Com um monte de pessoas brincando ...” Laura verbalizou: “Eu gostaria que tivesse mais espaço ao ar livre, para andar de bicicleta, de patins.”

Para Corsaro (2009) e Tonucci (2014) o tempo livre para brincadeiras e encontros entre os pares são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, contudo constatamos que essas crianças tinham restrição de tempo e de autonomia para o brincar. Conforme Sarmiento “O brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade” (SARMENTO, 2004, p.16).

Figura 13: Desejo de Gabriel

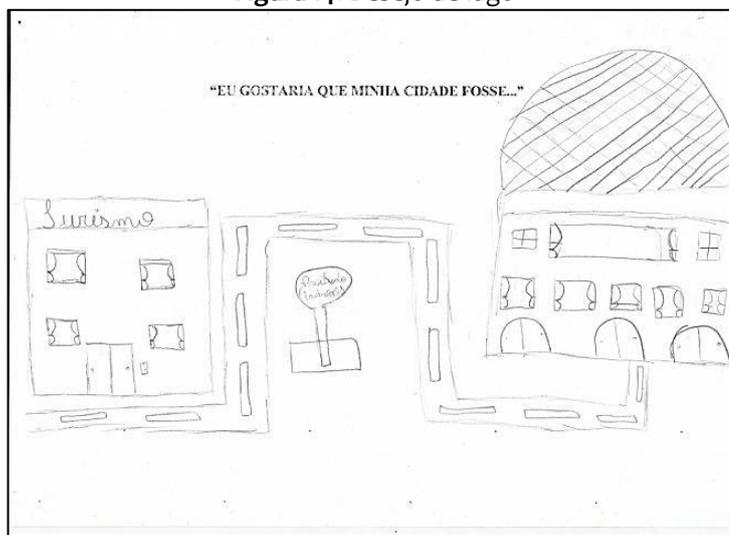
Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Desejos e expectativas das crianças sobre a cidade

Gabriel desenhou um parque com montanha russa na cidade, mas vazio. Observou que os parques assim eram itinerantes na cidade. Gabriela declarou “[...] mais lugar pra brincar.” Iago desejou “[...] mais pontos turísticos para irmos [...]” e Peter Parker “[...] que Presidente Prudente fosse perto do mar, tivesse prédios altos e várias pontes”.

O tempo livre para brincadeiras e encontros entre crianças são fundamentais para o desenvolvimento saudável. Tonucci (2014, p.5) afirma que “É importante e urgente restituir às crianças uma autonomia que lhes permita sair de casa sozinhas, encontrar-se com os amigos, escolher com eles uma brincadeira e administrar o tempo livre.”

Figura 14: Desejo de lago



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

As Paisagens da Infância nas cidades são “[...] as formas que as sociedades erguem, materialidades destinadas às crianças nos diferentes espaços, sobretudo os urbanos [...]” (LOPES, 2013, p. 291). O fato da maioria das crianças (70%) desejarem espaços de lazer na cidade sinaliza quais são as paisagens da infância que as crianças gostariam que fossem construídas para ela.

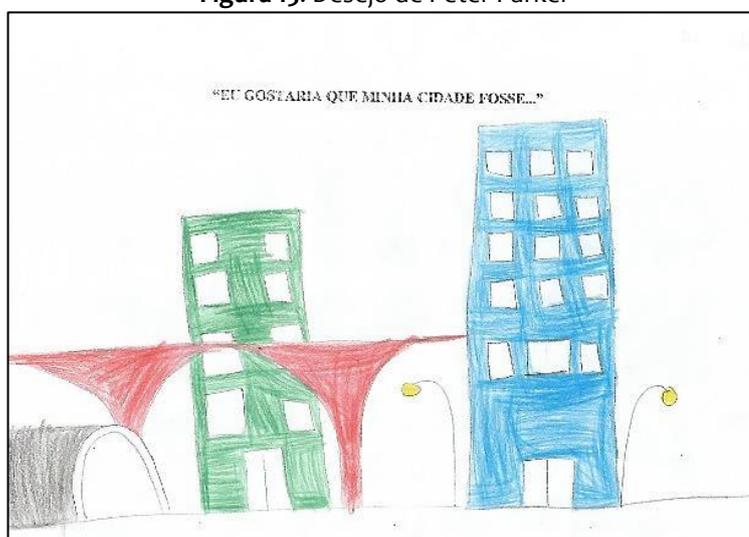
Neste sentido, o educador italiano, coordenador do projeto “A Cidade das Crianças”, defende o direito de brincar livre das crianças e o uso do espaço público da cidade como principal cenário para tais brincadeiras e aprendizagens. O autor afirma “Uma cidade sem crianças que andem sozinhas pelas ruas é uma cidade pior” (TONUCCI, 2014, p. 6).

A cidade pesquisada dispõe de várias opções de lazer em espaços públicos para as crianças, como: a Cidade da Criança, o Parque do Povo, praças e parques nos bairros. Pelo olhar das crianças nos questionamos se esses espaços são insuficientes e/ou inadequados.

Outra hipótese se relaciona à cultura dos responsáveis que interfere no uso dos espaços públicos. A distância de alguns dos espaços públicos de lazer dos locais de moradia também pode se constituir em um fator limitador para o uso desses espaços. Para Tonucci (2014, p. 7) “A cidade deve assumir a responsabilidade acolher as crianças em seus espaços públicos”.

Peter Parker disse que gostaria “[...] que Presidente Prudente fosse perto do mar tivesse prédios altos e várias pontes”. Ao pesquisar com crianças na cidade de Porto Alegre (RS), Müller (2007, p. 201) concluiu que para elas “[...] a praia e a cidade se colocam em oposição; a praia é a fuga da cidade”.

Figura 15: Desejo de Peter Parker



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Notamos que a praia desejada por Peter Parker não se opunha aos elementos artificiais da cidade, afinal o seu desenho foi complementado pelo desejo de mais prédios e pontes. Contudo, acreditamos que as vivências na praia e em outros espaços naturais de lazer são diferentes das que acontecem no cotidiano da cidade, na medida em que essas últimas geralmente ocorrem em espaços confinados.

Gabriela desejou “Eu gostaria que tivesse mais lugar pra comer, mais lugar pra brincar e várias lojas com roupa, sapato, acessórios... de graça”. As crianças percebem que questões econômicas limitam suas atividades de lazer e poder de compra.

Desejos e expectativas das crianças sobre a cidade

Figura 16: Desejo de Gabriela



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

O desejo por mais segurança se destacou, sendo citado por 30% das crianças. Iago reivindicou segurança ao verbalizar: “Eu gostaria que não tivesse ladrão aqui, [...] que ninguém roubasse as coisas [...]”. Seu desenho tem uma placa onde está escrito “Proibido ladrões”. Kelvin expressou que gostaria que a cidade tivesse “[...] um monte de pessoas brincando, sem ladrão”. Luana desejou menos roubo e desenhou uma situação de roubo. O roubo não foi o único tipo de violência mencionado e temido pelas crianças. Mariana apontou o desejo por “[...] menos *bullying*, menos preconceito [...]”.

Figura 17: Desejo de Luana



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Com base no infográfico lançado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), referente ao Atlas da violência, observamos que a violência no Brasil aumentou.

Os gastos com a violência chegaram a 373 bilhões em 2017, segundo o IPEA (2019). Esse valor corresponde a 5,9% do PIB e equivale aos gastos com a educação.

O medo de se tornar vítima da violência interfere no modo como as pessoas moram e vivem nas cidades. Na cidade somos pressionados a conviver com pessoas desconhecidas, o medo se faz presença constante (TUAN, 2005). O esvaziamento das praças, a desertificação das ruas em determinados horários, a alteração constante de caminhos para a residência são exemplos das mudanças de comportamentos provocados pelo medo. A paisagem também sofre modificações em virtude do medo, sobem-se os muros, aumentam-se as câmeras de segurança, as cercas elétricas, os alarmes em casas e carros.

Conforme o sociólogo Bauman (2009, p. 17), o medo presente no espaço urbano gera o desejo constante de um “porto seguro” que nunca é encontrado e que mantém o cidadão em frequente estado de alerta.

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana. Castel atribui a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno. Segundo ele, a sociedade moderna – substituindo as comunidades solidamente unidas e as corporações (que outrora definiam as regras de proteção e controlavam a aplicação dessas regras) pelo dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo – foi construída sobre a areia movediça da contingência: a insegurança e a ideia de que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade.

O medo pode ser real ou imaginário, porém quando é vinculado a um espaço, o indivíduo torna-se inseguro e incapaz de estabelecer relações sociais saudáveis neste ambiente. A mídia, muitas vezes, propaga a cultura do medo. O aumento do acesso aos meios de informação e comunicação a multiplica em grande escala.

Bauman (2009, p. 20) aponta que a mixofobia se refere ao medo de misturar-se com o desconhecido, assim intensificamos o isolamento social, a separação por classes, a segregação étnica/religiosa e vivenciamos a constante suspeita em relação ao diferente. Em oposição à mixofobia, a mixofilia se refere à necessidade de misturar-se, respeitar as diferenças e valorizá-las. Para o autor:

É improvável (pela mobilidade humana cada vez maior na era da modernidade líquida, e pela aceleração das mudanças introduzidas no elenco, na trama e no set da cena urbana) que se possa erradicar totalmente a mixofobia. Mas talvez seja

Desejos e expectativas das crianças sobre a cidade

possível fazer alguma coisa para influir nas proporções em que ela e a mixofilia se combinam, de forma a reduzir o desorientador, ansioso e torturante impacto da mixofobia. Na verdade, parece que os arquitetos e planejadores urbanos podem fazer muito para favorecer o crescimento da mixofilia e reduzir as ocasiões de reação mixofóbica diante dos desafios da vida urbana. Mas, ao que tudo indica, também podem fazer muito – e na verdade estão fazendo – para favorecer o efeito oposto. (BAUMAN, 2009, p. 20)

Em relação à saúde, 20% das crianças demonstraram insatisfação ao desejar mais hospitais para o atendimento da população. Mônica especificou a sua preocupação como atendimento dos moradores de rua: “Mais lugares bons para cuidar de pessoas que ficam na rua”. Sua fala e o seu desenho demonstram empatia, a sua sensibilidade em relação às desigualdades sociais, ao acesso diferenciado das pessoas aos serviços de saúde. O seu desenho do hospital se reveste de um caráter de denúncia ao chamar a atenção para a justiça social, para a necessidade do cumprimento do direito dos moradores de rua à saúde, a fim de usufruírem dignamente dos seus direitos enquanto cidadãos.

Figura 18: Desejo de Mônica



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

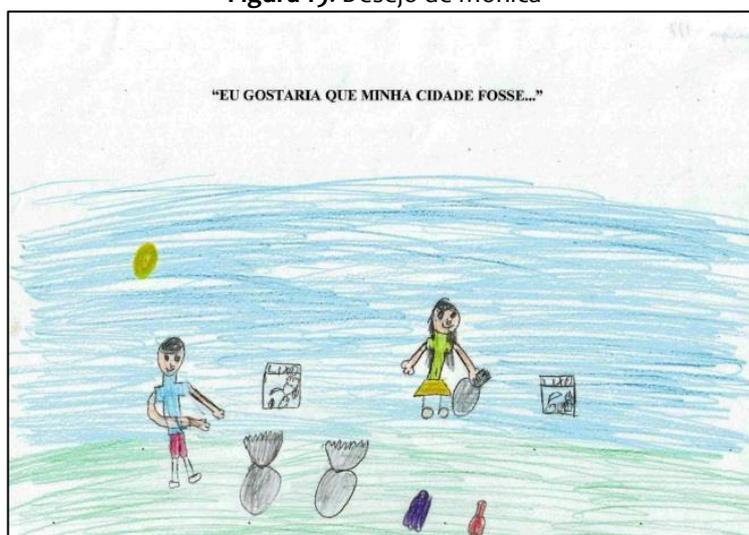
Enfatizamos que, embora a cidade conte com diversos estabelecimentos que fazem atendimentos públicos, pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e vários hospitais particulares. Notamos que, do ponto de vista dessas crianças, esse atendimento era considerado insuficiente.

O desejo por mais creches e escolas foi representado por Luana. Cabe salientar que segundo o site do IBGE (2020), em 2010, 97,8% da população de seis a catorze anos

estavam matriculados na escola. Contudo, há uma lista de espera por vagas em creches, disponibilizada no site na prefeituraⁱⁱ.

A educação ambiental e o comportamento ético das pessoas também perpassaram os desejos, haja vista que o cuidado com o meio ambiente foi lembrado por 30% das crianças. É digno de menção a fala de Rafael: “Eu gostaria que as pessoas jogassem menos lixo na rua, que cuidassem mais do nosso mundo, não gastassem muita água, queria também que eles limpassem o lixo, que tem muito lixo na rua, não deixassem água parada, que dá dengue”. Mariana também ressalta: “[...] menos lixo na rua”. Iago aspirou “[...] que nossa cidade fosse limpa”.

Figura 19: Desejo de Mônica



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

Essas crianças demonstraram, nos desenhos, a importância de a cidade dispor de lixeiras e da população ter o hábito de descartar corretamente o lixo. As ações de Educação Ambiental têm surtido efeito para a formação das crianças. As crianças relataram que tiveram aulas sobre a Educação Ambiental na escola. Atualmente, a cidade conta com a coleta de lixo, por parte do poder público municipal. A Cooperativa de Trabalhadores de Produtos Recicláveis de Presidente Prudente (COOPERLIX) é responsável pela coleta seletiva de materiais recicláveis.

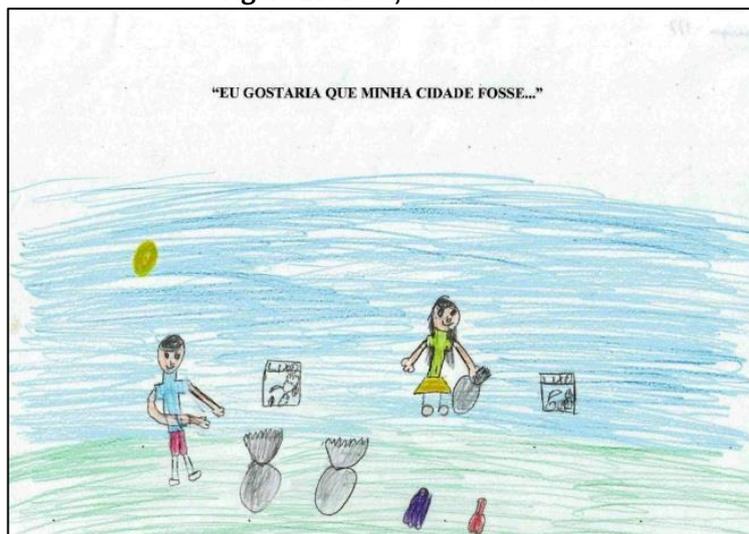
A questão da dengue na cidade também compareceu na observação de Rafael, ele desejou que “[...] limpassem o lixo, que tem muito lixo na rua, não deixassem água parada, que dá dengue”. A dengue é uma doença transmitida pela picada do mosquito *Aedes*

Desejos e expectativas das crianças sobre a cidade

Aegypti contaminado. Vale salientar que a cidade conta com 98,1% de esgotamento sanitário adequado, segundo IBGE (2010).

Mariana se preocupou com os animais em situação de abandono, que moravam na rua. Ela afirmou “Então assim... com menos animais na rua, quando vou para escola, vejo bastante cachorro na rua, cachorro não é brinquedo, para deixa na rua”.

Figura 20: Desejo de Mariana



Fonte: Pesquisa de campo (2019)

A dimensão humana foi objeto de apreço nas expressões das crianças. Constatamos situações em que demonstraram solidariedade. As crianças revelaram as suas ideias para a cidade que desejam. Elas querem espaços de lazer, de educação, hospitais. Defendem uma cidade limpa e ensinam nos seus desenhos ações adequadas de descarte, atuando como protagonistas no seu cotidiano.

Sobarzo (2006, p. 94) define:

[...] a cidade como produto e condicionante da reprodução da sociedade, da reprodução da vida, das relações sociais que se manifestam na prática socioespacial, ou seja, o espaço construído e modificado, no dia-a-dia, nas ações cotidianas, no uso e na apropriação que dele se faz e, ao mesmo tempo, o espaço influenciando essa cotidianidade.

Consideramos que as crianças nas relações sociais que estabelecem estão reconstruindo e modificando a cidade. Notamos, por parte das crianças, indícios de solidariedade, de empatia, de compromisso social.

Os dados apresentados demonstram que todos os educadores devem considerar os saberes das crianças, as suas vivências, as suas demandas para a cidade. Não basta diagnosticar os seus conhecimentos prévios é preciso escutá-las e levar em consideração as suas opiniões, os seus papéis no lugar e no mundo.

5. Considerações finais

Interpretar as crianças, compreendê-las, ser sensível aos seus olhares e vozes, não é uma tarefa fácil. Ao acompanhar os desenhos, demos espaço para as falas e nos desafiamos a encontrar caminhos para escuta de suas vivências e os seus desejos e expectativas.

As vivências das crianças nas cidades são fundamentais para o seu amadurecimento e a comunidade e o poder público têm um papel primordial para a construção de uma cidade segura, acolhedora que favoreça o encontro entre as pessoas e promova experiências diversificadas e significativas para as crianças.

Os resultados apontam as demandas e as expectativas das crianças com relação à cidade. As políticas públicas afetam a todos, a criança não pode ser invisível diante das decisões da sociedade, principalmente ao se planejar as Paisagens da Infância, ou seja, espaços que são construídos para elas.

As crianças têm o direito de participar e ter as suas as interpretações sobre a cidade levadas em consideração na agenda política. Ao ouvi-las, suas subjetividades se encontram num discurso que sinaliza para o imaginário coletivo, nos casos das crianças que participaram desse estudo seus desejos para a cidade são espaços de lazer, educação, saúde e segurança. Os focos principais das crianças foram os espaços de lazer, suas demandas são espaços de lazer públicos, seguros, acolhedores, com áreas verdes que promovam o bem-estar.

As crianças se apropriam de espaços da cidade e os reconstroem à sua maneira, a partir das relações sociais que vivenciam nos seus cotidianos. Os sons das suas vozes nos fazem acreditar no protagonismo infantil, elas estão modificando e não apenas reproduzindo o modo de viver nas cidades. Fomos surpreendidas por narrativas que revelam que elas desejam e estão construindo um mundo melhor.

Referências

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, A. F.; MÜLLER, F. Ética nas pesquisas com crianças. In: MULLER, F. (org.). **Infância em Perspectiva**: políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez, 2010. p. 65-84.

CORSARO, W. Reprodução Interpretativa e Cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 351-361, maio/ago. 2005.

DIAS, M. S.; FERREIRA, B. R. Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidade contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 17, n. 3, p. 118-133, set./dez. 2015.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Conheça cidades e estados do Brasil**. 2010. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br/. Acesso em: 03 jan. 2019.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência**. 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acesso em: 05 jun. 2019.

FARIAS, R. N. P.; MÜLLER, F. A Cidade como Espaço da Infância. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 261-282, jan./mar. 2017.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LOPES, J. J. M.. Geografia das crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**, Unijuí, ano 23, n. 79, p. 65-82, jan./jun. 2008.

LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, maio/ago. 2013.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. de. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículo sem fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103-127, jan./jun. 2006.

MÜLLER, F. **Retratos da infância na cidade de Porto Alegre**. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2007.

RHEINGANTZ, P. A. *et al.* **Observando a qualidade do lugar**: procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. 2004. Disponível em: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmento.pdf>. Acesso: 15 abr. 2019

SARMENTO, M. J.; SOARES, N.; TOMÁS, C. **Participação Social e Cidadania Activa das crianças**. 2004. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/3842>. Acesso: 15 abr. 2019

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. p. 25-49.

SARMENTO, M. J. Infância e cidade: restrições e possibilidades. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 232-240, maio/ago. 2018.

SOBARZO, O. A produção do espaço público: da dominação à apropriação, **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 19, p. 93-111, 2006.

TOMÁS, C. As culturas da infância na educação de infância. **Revista Interações**, Santarém, Portugal, n. 32, p. 129-144, 2014.

TONUCCI, F. As crianças e a cidade. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v. 1, n. 40, p. 4-7, jul./set. 2014.

TUAN, Y. Medo na cidade. In: TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p. 231- 278.

Notas

ⁱ Essa instituição é parte privada e parte pública.

ⁱⁱ A lista fica disponível no site

http://educacao.presidentepudente.sp.gov.br/Centralvagas/Consulta_Espera2015_pagina.asp e é atualizada constantemente.

Sobre as autoras

Ariadne de Sousa Evangelista

Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade do Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente (SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9339-3867> E-mail: ariadne_ev@hotmail.com

Fátima Aparecida Dias Gomes Marin

Professora assistente doutora da pela Universidade do Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus de Presidente Prudente (SP), Licenciada e Bacharel em Geografia, Mestre e Doutora em Ensino na Educação Brasileira pela UNESP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6584-3656> E-mail: fatimadiasgomes@gmail.com

Recebido em: 13/06/2022

Aceito para publicação em: 23/07/2022